

Seminário Nacional CNTE: “A Internet e o sindicato de educadores”

Mesa 1 – A classe trabalhadora e a apropriação das novas tecnologias

Júlio César Martins Viana

Bom pessoal, na verdade acho que a primeira coisa sobre o ensino a distância ou presencial, eles não concorrem pra ser melhor ou pior. A gente tem o melhor no ensino a distância e o pior também, como também no presencial; então acho que a questão não é essa discussão de um versus o outro. A discussão é: o que é mais adequado pra nós nesse instante de forma a garantir maiores possibilidades e como nós vamos alcançar mais pessoas nesse processo com menos recursos, a discussão de custo-benefício não é uma discussão empresarial, nós temos que fazer uma discussão de custo-benefício, até porque a gente sabe o sacrifício que cada companheiro nosso tem pra colocar os míseros reais que ele coloca nas nossas entidades. Então a discussão de custo-benefício pra nós tem que ser feita numa perspectiva muito clara sobre essa coisa de potencialidade. É claro que não é do ponto de vista do custo benefício do lucro que é feito pelo capital, mas de potencialidade.

Penso que os custos de qualquer metodologia, mas em particular de ensino a distância, a preparação do cursista para a metodologia é uma etapa determinante, nós não teremos qualidade no ensino a distância se nós não tivermos uma preocupação de focar a preparação pra essa metodologia que é a construção de um saber por essa pessoa essencial pra todo processo e ela precede e não pode ser aligeirada. Eu acho que a grande questão às vezes que a gente tem no ensino a distância de não receber a coisa é a despreocupação com isso.

Pirataria é crime, não tenho dúvidas sobre isso e foi votada recentemente, no congresso uma legislação nova sobre isso. Inclusive sobre compartilhar arquivos de internet, música, vídeo, etc. Foi votada agora recentemente, deve ter uns quinze dias. O problema é que comprar o software é um roubo, eu prefiro compartilhar, porque compartilhar é legal. Legal do ponto de vista dos resultados e ilegal do ponto de vista jurídico e aí os softwares livres têm essa qualidade da gente compartilhar logo que alguns terão algumas dificuldades pra migrar, as mesmas dificuldades que a gente teve pra poder acessar o Linux, o Windows a gente terá pra poder migrar. E hoje no Linux nós temos, aliás do ponto de vista visual, do ponto de vista da acessibilidade, do ponto

de vista de ser amigável, distribuições que são muito mais eficientes do que se você for analisar o Linux, eu to usando uma distribuição chamada KUBUNTU. É porque ela usa o KDE que é um aplicativo que você vai ter na tela lá, diferente do UBUNTU que usa um outro modelo, menos amigável. Tudo depende do que a gente usa...tem muitas, existe uma infinidade de possibilidades. Então não dá pra eu dizer se a experiência de uma ou outra foi bem sucedida ou mal sucedida sem saber exatamente qual foi a distribuição que ele está usando. Mas acho que a questão aí, também é profissional, como muito bem disse a Marta aqui. Nós temos que procurar um profissional da área pra que possa nos assessorar nisso, não pode ser uma aventura assim qualquer. Bom companheiros a discussão sobre o acesso hoje, a conexão com a internet, é uma discussão que nós temos que aprofundar ela socialmente, aliás penso de que nós temos que começar a discutir o que eu chamaria de conexão social, da forma como a gente tem a carta social, da forma como a gente tem, nós temos que pensar isso porque hoje a democratização do acesso à internet é tão – eu particularmente acho que é pode ser mais importante do que a discussão sobre a democratização dos meios de comunicação. Do ponto de vista da potencialidade, então discutir a questão da democratização do acesso é fundamental nesse instante e nós já temos alguma experiência, se eu não me engano Catu no Ceará, não sei exatamente se é em Catu, mas parece uma cidade que oferece hoje acesso gratuito a todo o cidadão, de forma universal. O morro da Santa Marta, agora recentemente tem lá agora acesso gratuito, aonde a gente usa rádio. Na minha cidade nós não tínhamos ADSL, porque a questão não era celular, o grande problema não era celular não, é a conexão de ADSL e a cidade está conectada com a rede nacional através de fibra ótica pra poder ter o ADSL. A gente usava lá a distribuição via rádio, ora óbvio que lá era questão empresarial, mas podia ser o município que oferecia aquilo via rádio, não é um custo tão absurdo, nós temos que começar a discutir no âmbito do nosso município e isso, colocar isso como sendo uma política, dentro do âmbito das políticas públicas. Bom encerrando, a gente também não pode se pautar aqui nessa discussão por onde tem e onde não tem internet, até porque onde tem, nós temos que aproveitar dela, que ela já está lá e onde não tem, com certeza terá daqui há um tempo e onde não tem, nós temos estratégia pra superar a ausência da internet até porque a internet é pra veicular, eu posso ter um curso de formação a distância, não ter contato com a internet e distribuir todo o material, todo o processo por um cd, aliás gravar um cd, introduzir um cd ou produzir um dvd que daria pra colocar todos os fascículos da CNTE e mais alguma coisa no dvd, custa muito mais barato do que fazer a edição

impressa dele. Então estou falando aqui da relação custo benefício, que tem que estar no âmbito dessa discussão. No mais, eu ouvi com muita atenção cada intervenção dos companheiros aqui, quero mais uma vez reforçar a necessidade da gente discutir isso do ponto de vista de soberania, compreenderam, de soberania? Nós temos que pensar isso do ponto de vista de soberania, é tão importante a questão do software livre como é da telecomunicação da soberania da telecomunicação, como é na produção de energia, ou como é de qualquer área talvez a do software seja uma das grandes complicadas, aliás o grande debate que se faz hoje no âmbito da questão das tecnologias que eu não gosto de chamar de nova porque não é tão nova assim, não é da questão das máquinas. A máquina você pode dar um computador de graça pra pessoa, só pra vender o software pra ele que você ainda vai ganhar dinheiro, entendeu? Porque a pessoa vai ficar sempre dependente disso aí, a discussão é sobre o software. Essa é uma discussão que a gente tem que ter claro aí.

E por último o seguinte, quem tiver a fim de jogar, não tem só site de batalhas interplanetárias, tem alguns que desenvolvem no ambiente da Idade Média, tem outros de Roma, tem outros no ambiente da Grécia. Eu estou analisando um joguinho da Grécia, muito interessante, dá pra gente entender bem o processo de construção da filosofia, da história da humanidade a partir desses processos aí. Então a gente pode ter um alto conteúdo da Idade Média, a gente entender todos os conflitos, vivenciando-os naquele período. Mais uma vez agradeço a atenção dos companheiros e espero que a gente possa continuar esse debate, eu diria que nós ainda não revelamos a ponta do iceberg. Por que depois que revelá-la nós ainda vamos ter muita coisa submersa pra gente poder ver. E é claro que isso me desafia a aprender antes de mais nada, quando o Gilmar me trouxe, me provocou pra essa questão, me fez refletir sobre isso e é assim que eu aprendo. É dessa forma que eu renovo as minhas possibilidades de construir uma consciência sobre o mundo.

Marta Regina Domingues

Bom, é eu gostei muito de participar da atividade da CNTE. Só quero fazer algumas observações rápidas: o software livre, o Linux, é um negócio tão poderoso que você pode utilizar um mecanismo lá: máquina virtual e trabalhar no Windows, dentro do Linux. Então assim, é existe toda uma falácia em torno do Windows, né! Eu acho que essa questão que foi levantada aqui é preocupante mesmo, nosso sindicato se tiver uma fiscalização vai pagar multas pesadíssimas, vão ser expostos à mídia, porque nós

sabemos a situação precária das licenças de uso dos softwares, do Windows então acho que é uma questão importante pra gente ter um olhar especial sobre isso. E realmente, hoje você tem um ambiente gráfico dentro do software livre, é muito mais legal bonito, às vezes muito melhor do que o próprio Windows. Eu acho que a questão da universalização do acesso à internet, concordo com o Júlio, onde não tem internet é uma questão de tempo, vai ter. Basta ver aí a expansão que teve nos últimos anos, mas a discussão que é política e que nós temos que enfrentar é que é um direito à internet, o acesso às tecnologias é cada vez mais encarada como um direito do cidadão, se é um direito do cidadão, tem que ser política pública e nós já temos exemplos no mundo e no Brasil de internet livre, sem custo nenhum.

Então eu acho que também é uma questão de pautar isso nos nossos debates e enfrentamentos. Pro setor de educação isso é mais importante ainda, porque não dá pra pensar hoje na formação de educadores, na formação de professores, sem pensar no acesso à rede, eu acho que isso casa bem essas duas coisas. E tem uma questão que eu acho que é fundamental, que não é o nosso foco aqui hoje, mas eu gostaria de rapidamente falar com vocês, que é uma preocupação que eu acho que vocês têm, que são os programas do governo e dos governos de formação de educadores. Muitos deles são feitos a distância e muitos deles não tem a participação sequer na definição de prioridade, objetivos por parte dos sindicatos. Então isso é uma questão muito séria porque o que se veicula nesses cursos, além do que a gente chama de conteúdo formal? Se veicula valores, ideologia, visões de mundo e nós não estamos participando dessas definições, nós não estamos garantindo espaço, da importância por exemplo do movimento sindical na sociedade. Quantos cursos têm de formação de educadores que sequer lembram que sindicato existe. Sequer citam a constituição de uma parte da sociedade que é o movimento sindical, que é a história dos trabalhadores, isso é uma questão grave, séria e que conforma mentes, opiniões na base, na nossa base. Existem algumas experiências na CUT, inclusive no setor público, mas não exclusivamente no setor público, de negociação da qualificação desses trabalhadores/trabalhadoras e algumas experiências que chegaram à negociação inclusive de conteúdo. O que é, quais serão os conteúdos que serão trabalhados nesses cursos.

Gostaria que vocês pensassem nisso também, porque não existe vácuo, né, gente? E quando a gente não ocupa, certamente alguém ocupa com as ideias de cada um, que lhe convém. Bom, foi um prazer estar aqui com vocês. A Secretaria Nacional de Formação desenvolveu como eu falei, algumas experiências e está desenvolvendo

novas experiências na educação a distância pra juventude em parceria com um projeto alemão da DGB, Central Sindical Alemã, em parceria com o observatório social. Nós estamos a disposição de todos vocês pra trocar ideias, pro que for necessário. Deixo aqui o abraço do nosso secretário, José Celestino Lourenço, e o meu particular e estamos aqui juntos. Obrigada.

Juçara Maria Dutra Vieira

Eu queria fazer só duas observações. Uma que chamou atenção aí no debate é sobre a educação a distância e as TICS, as tecnologias de informação e comunicação; não são a mesma coisa. Eu quando tinha os meus doze anos, uma vez fiz um curso a distância que era como montar e desmontar rádio, mal aprendi a desmontar, mas a gente recebia fascículos era pra brincar. Nós nos inscrevemos que a gente queria brincar e aí tinha... tudo que a gente achava a gente montava e desmontava. Era a distância.

Mas sem Internet. Então na verdade, a nossa crítica sobre a educação a distância que é uma modalidade, é a forma com que os governos utilizam pra baratear custos e pra tratar de forma diferenciada os cursos da área de formação da área de medicina, de engenharia, porque se a modalidade é boa, ela é boa em várias situações. Ela não é só boa pra formação da área da educação. As tics, elas são um imperativo do nosso tempo, elas deveriam existir em toda a educação presencial, porque o ambiente da sala de aula deveria ser o ambiente que tem os livros pra que as pessoas possam manusear os livros, cheirar os livros, sentir o gosto pela leitura, tenha o computador e as pessoas que interagem pra se educarem. Então é isso que a educação não conseguiu, diferentemente da saúde, você vai consultar e o médico não olha pra sua cara, às vezes eu machuquei o médico não me olhou, ele disse cade o raio-X? Cadê o raio-X. Primeiro o raio-X e depois ele ia olhar pro meu pé, pegar no pé. Porque? Por que a área da saúde incorporou a modernidade técnica, usa, sabe usar. Você usa, tem o diagnóstico de doenças com a maior sofisticação. Pode não ser acessível a todos, podemos ter doenças endêmicas da Idade Média, mas daí são políticas públicas ou falta de políticas públicas, não que a modernidade não tenha chegado à saúde, na educação ela não chegou. Não chegou à educação, por isso também não chegou aos nossos sindicatos muitas vezes, então eu acho que esse debate é um debate importante e nós temos que fazer com humildade de quem tem que aprender.

Nós fizemos uma reunião lá na Costa Rica, a Fátima estava, onde uma reunião de mulheres onde o funcionário foi lá um dia inteiro pra nos ensinar: olha como é que

vocês se comunicam, porque? Porque você forma uma rede de mulheres que depois não se comunica, então não pode. Você tem que saber usar as ferramentas e tem que ter a disposição pra aprender e especialmente uma disposição de incorporar e gostei muito disso que a Marta falou: o fato cultural. Assim como nós não pensamos mais em cozinhar no fogão a lenha, produtos que não exijam mais o congelador, porque? Porque você não pode mais armazenar nada que não seja fora da geladeira, então nós adequamos também a nossa alimentação em função de que nem todos nasceram lá onde eu nasci que o Nei não conseguiu usar o telefone celular, que não tinha água encanada, que não tinha luz elétrica, era tudo diferente. Hoje você também não consegue, você também a sua vida é mediada pelos novos fatos culturais e você tem que ter capacidade de conviver com isso e especialmente capacidade de interagir pra não ser objeto da mudança cultural. Você tem que ser o sujeito da mudança cultural e acho que é isso que nós estamos fazendo aqui nesse seminário de formação. Parabéns ao Gilmar e todos os organizadores e a todos nós que estamos aqui pra dialogar. Obrigada

Roberto Franklin de Leão

Bem companheiros e companheiras, eu fico feliz e bastante satisfeito que este seminário tenha acontecido e esteja acontecendo e que esse tema esteja sendo discutido pra que a gente possa mergulhar com bastante dedicação nesse debate. Eu acho que as pessoas, a importância desse primeiro seminário é na verdade sensibilizar, juntar todo mundo que conhece um pouquinho, uns mais, outros bem mais, uns menos, outros nada: juntar todo mundo pra mostrar a importância de nós conseguirmos nos apropriar desta ferramenta e sabermos usá-la a nosso favor.

Eu conversava com o Júlio aqui e ele falou uma coisa que é sintomática de como essas coisas modernas são utilizadas e como determinada parcela da sociedade se apropria e fica com ela. Saber usar ou se meter a xeretar, aqueles que não são bem nascidos, ele pode conhecer. Mas é o detalhe do seguinte, nos aeroportos quem vai no aeroporto, tudo bem que hoje está mais tranquilo, nós podemos andar no aeroporto, mas nos aeroportos você tem acesso à internet e muitos deles livre, vai na estação rodoviária não tem. Quem frequenta estação rodoviária? É a parcela menos favorecida, aquela que talvez nem tenha mesmo o aparelho, mas lá eles já partem do pressuposto que aquele público que frequenta lá não é tão necessário assim que tenha acesso livre à internet. Isso se reproduz numa série ...se a gente for olhar em outras atividades, nós vamos ver o seguinte: a música dita clássica, que nem toda ela é clássica, porque na verdade é um

período da música que é clássico, ela é de acesso, é chamada música requintada, refinada, de acesso à uma determinada parcela da população. Para outros, não tem museus, enfim, uma série de espaços que vem sendo construídos há muitos anos como propriedade privada de uma determinada parcela da população e nós não podemos concordar com isso.

Por isso o debate sobre a democratização do acesso é um debate fundamental, tão importante quanto a democratização dos meios de comunicação, muito embora muitos desses meios de comunicação, tendam também a ficar com o passar do tempo um tanto quanto defasados e na verdade e podemos conseguir atingir a democratização da internet nós teremos aí muito mais gente acessando a internet do que temos hoje e muito mais gente lendo as notícias pela internet, tomando conhecimento das novidades pela internet do que comprando o jornal. Mas o importante é que a gente consiga casar essa questão: primeiro nos apropriarmos da ferramenta, sabermos usá-la e usá-la a nosso favor. Usar a nosso favor hoje significa o que? Colocar a serviço da organização, da conscientização, da politização e do avanço das nossas lutas, da nossa organização sindical, do trabalho que é realizado lá na escola, porque é verdade os governos fazem isso o governo de São Paulo enche escola de computador, se nós formos pegar o que tem de computador nas escolas de São Paulo, eu acho que dá pra gente fazer uma feira e distribuir de graça pra todo mundo, mas não funciona, porque tem problema do acesso, tem problema de quem sabe mexer, tem problema de que se aquele objeto que fica lá no canto, e quando tem alguém, um funcionário, um professor que saiba mexer e se dispõe a ensinar mais ou menos aí vai. A molecada sabe, mas porque a molecada não pode mexer? Por que é perigoso, porque pode quebrar, é isso, essa é a lógica, tem pra dizer que tem, mas as pessoas não mexem. Então, nossa tarefa é importante propondo seminários Gilmar, ele é muito importante sobre esse aspecto que é o aspecto de nós estarmos nos sensibilizando pra darmos um passo adiante no rumo do futuro que já não é futuro, que é presente. Ninguém precisa aqui ficar fazendo joguinho com as outras galáxias ou criando... mas é importante que nos apropriemos dessa ferramenta e a usemos em nosso favor. Se quiser jogar pode, não tem problema. Então eu quero também parabenizar o Gilmar e agradecer a todos vocês estarem aqui presentes e vamos agradecer ao Gumercindo meu querido ex-presidente da APEOESP a pessoa com quem, ele tentou ensinar, agora se eu aprendi muito...é outra história. O que eu aprendi muito na vida, na política e dizer que estou com muito satisfeito com a presença da CNTE pela

iniciativa da Secretaria de Formação e por estar vendo que nós estamos avançando pra um futuro melhor pras nossas organizações. Muito obrigado.

Júlio César Martins Viana

Em Santos tem alguns locais, em Santos a 60 quilômetros daqui. A praça Mauá em Santos, por exemplo tem acesso livre, tem mais alguns espaços que tem, portanto já estamos começando a criar essa necessidade aí de virar política pública.

Gilmar Soares Ferreira

Então, só informando que à tarde o Gumerindo já está aqui, mas tem a Bia. Bia já está aqui, obrigada da presença. Tem também mais alguém que vem à tarde pra próxima mesa redonda. Então vocês estão proibidos de dormir, sesta nem pensar.